

O BRACARENSE.

PERIODICO POLITICO E LITTERARIO.

ASSIGNATURA.
(sem estampilha)
Por anno..... 2\$000
" 6 mezes... 1\$100
" 3 " ... 8600
" 1 mez 3240

Publica-se todas as 3.^{as} e 6.^{as} feiras de cada semana, não sendo dias santificados.
Assigna-se no Escriptorio da Redacção, rua Nova de Sousa, n.º 45, onde tambem se vendem as folhas avulso, preço 30 rs., e recebem os annuncios. Sendo estes por linha 25 rs., repetição 20 rs. — Ao Editor responsavel deste jornal devem ser remettidas francas de porte, todas as correspondencias, e as de interesse particular se publicarão, vindo legalmente reconhecidas, a 30 rs. por linha.

ASSIGNATURA.
(com estampilha)
Por anno... 2\$500
" 6 mezes... 1\$330
" 3 " ... 8730
" 1 " ... 3280

BRAGA 16 DE OUTUBRO.

DAMOS hoje publicidade ao artigo do snr. Jacome Borges Pacheco Pereira, que não foi publicado no numero antecedente pela razão declarada no mesmo numero, e desde já protestamos contra todas as allusões offensivas, ou menos leaes, lançadas sobre os homens que apoiaram a candidatura do snr. barão da Torre, ás quaes se responderá condigna e convenientemente.

Como no artigo — *Atenção* — hontem publicado no *Bracarense* o auctor se occupa tanto da minha pessoa, e ainda vem á carga com as phantasmagorias de que hoje em Braga todos estão ao facto, mas que pôdem illudir lá fóra os menos acutelados, desejo tambem pela minha parte restabelecer a verdade dos factos e acontecimentos da passada eleição, a fim de que o publico possa fazer della um juizo seguro e exacto.

Não gosto da guerra d'encreusilhadas, nem de disparar tiros de traz da parede: folgara por isso de vêr auctorizada a tal historia da eleição com o nome, de certo muito respeitavel, do seu auctor, como firmamos com o nosso muito humilde a que passamos a narrar.

Quizera-mos tambem poder poupar-nos a fallar em nomes; porém como aqui a questão é de factos, e a estes estão muitas vezes essencialmente ligados certos nomes, por essa razão relevem-nos isso a que a necessidade nos obriga.

O snr. D. Rodrigo José de Menezes, querendo não só mostrar o seu agradecimento ás pessoas que o foram esperar na sua primeira entrada nesta cidade, mas desejando conhecer mais de perto as que occupavam na sociedade certa posição, lembrou-se de ir convidando ora uns, ora outros individuos para com elle jantar em domingos.

Estes convites foi-os fazendo s. ex.º á proporção que o acaso ou as circumstancias lhe iam deparando contacto com estas ou aquellas pessoas, ou conforme lhe iam lembrando, sem que nunca tivesse em vista considerar mais a uns do que a outros. Para prova desta verdade appello para todos os que alli concorreram, e digam se se não encontraram sempre individuos das differentes matizes politicas e de diversas posições sociaes.

Houve, porém, alguém que vira estes acontecimentos por outro prisma, e julgára que o snr. D. Rodrigo fazia selecção e escolha nos seus convites, e como o snr. D. Rodrigo era uma pessoa ainda muito estranha a esta terra, entenderam que era eu que pretendia metter á cara de s. ex.º certos individuos com desconsideração de outros. D'aqui nasceu a idea de um *complot* a que allude o auctor do artigo, cujo fim era crear eu um partido todo meu sobre as ruinas das antigas influencias, dar preponderancia á aristocracia realista em

detrimento da burguesia liberal, e finalmente imaginaram (ou fingiram alguns imaginar, porque tinham razões e obrigação de me conhecer) o que bem lhes pareceu para chegar aos seus fins.

Para combater isto além do appello, que já fiz para todos os que frequentavam os jantares do snr. D. Rodrigo, e que nos factos viram o mais formal desmentido a semelhantes imaginações escaldadas, direi que nesta cidade todos sabem que o meu mais particular amigo entre os cavalheiros é o exm.º snr. Henrique Freire d'Andrade Coutinho Bandeira, que elle é entre os cavalheiros um dos mais intelligentes, dos mais activos, que tem força de vontade e que costuma tomar a peito tudo aquillo de que se encarrega — todos ahí o tem visto na Misericordia, nas confrarias, na commissão do theatro, na empresa da illuminação a gaz desta cidade etc. etc.

Destes principios incontestaveis segue-se muito logicamente que, se fosse verdadeiro e exacto o pensamento que me attribuiram, o snr. Henrique Freire seria de certo uma das pessoas que eu mais procuraria ligar a s. ex.º o snr. D. Rodrigo, e comtudo o snr. Henrique Freire só foi convidado por aquelle snr. para o ultimo — note-se bem — para o ultimo desses jantares que dá o snr. D. Rodrigo, junctamente quando foram convidados o snr. J.ão Antonio d'Oliveira Braga e seus cunhados os snrs. Carvalhos, negociantes muito respeitaveis desta cidade. Nunca, que me conste, antes da eleição passou o snr. Henrique Freire uma só noite em casa do snr. D. Rodrigo, e este iria duas vezes á casa d'aquelle, porque as noites que s. ex.º o snr. D. Rodrigo não estava em casa, a maior parte dellas as passava em casa do snr. Soares Russel.

Estes factos só de persi provam até á saciedade o quanto eu fui estranho a esses convites, e que o sonho do *complot* estava apenas na imaginação de certas pessoas, entre as quaes quero suppor algumas de boa fé.

Pertende o auctor do artigo fazer crêr aos outros que eu além dos meios proprios da minha posição, tinha ido procurar exclusivamente o apoio de certos caracteres realistas, desses que o auctor lá entende, e cuja pintura esboça a seu bel-prazer.

A este respeito direi primeiramente que foi a meu irmão e não a mim que alguns realistas, cuja amisade elle e eu aliás muito prezamos, e cuja aliança muitas vezes tem sido procurada por esses que agora se dizem tão liberaes, quando assim tem convindo aos seus interesses, foi, digo, a meu irmão que elles, visto não terem desta vez candidato do seu partido, lhe offereceram os bons officios d'amigos; sendo certo que pela nossa parte damos bem claras provas de que desejava-mos o concurso de todos, fossem quaes fossem as suas opiniões politicas.

Appello para o snr. deputado Francisco José Alves Vicente, e diga se não é verdade que estando s. ex.º ainda em Lisboa lhe es-

crevi sobre a candidatura de meu irmão? Que diga se meu irmão, logo ao outro dia que s. ex.º chegou das côrtes a esta terra, o não foi procurar, e pedir-lhe o seu concurso?

Não foi só ao snr. Alves Vicente, mas a alguns outros, ainda que poucos, amigos que eu preveni em tempo para esta eleição, não fallando comtudo á maior parte delles no nome de meu irmão, porque ainda não tinha certeza alguma de que meu irmão fosse o candidato do partido do governo, e era só neste caso que eu, occupando, como occupo, um lugar de confiança, podia interessar-me pela sua candidatura.

Meu irmão pediu o seu concurso a muitos cavalheiros dos differentes partidos liberaes, cujos nomes poderia publicar aqui, porém isso me levaria muito longe, e julgo ter apresentado mais que sufficientes provas para demonstrar claramente que é pouco leal e cavalheiroso a insinuação que contra mim se quer lançar nesta parte do artigo.

Diz-se mais que neste estado de geral desconfiança todos foram esperar o snr. D. Rodrigo n'uma esperançosa expectativa, confiando em que s. ex.º levado da sua providencia o tacto politico, afastaria uma crise, para evitar a qual bastava manter a sua palavra e não escudar com a egide da sua protecção candidatura alguma e muito menos a do snr. José Borges, abafando assim a idea de preponderancia que se dizia queria assumir o seu secretario.

Ora aqui ha-de perdoar-me o auctor do artigo, que não fallou com a sua consciencia, nem apresentou os factos como elles se passaram.

Antes da chegada do snr. D. Rodrigo a esta cidade já por ahí havia quem estivesse muito despeitado com s. ex.º, por não ter ouvido certas influencias sobre a candidatura de meu irmão, e tanto assim é que houve quem duvidasse de querer tomar parte nessa brilhante recepção e espera que lhe fizeram, e ao outro dia se dizia que a entrada do snr. D. Rodrigo em Braga era a entrada triumphante de Jesus Christo em Jerusalem — que toda aquella gente trabalhava contra o governador civil.

D'aqui se vê que certas susceptibilidades se achavam offendidas, e que o signal de guerra estava dado antes mesmo do regresso do snr. D. Rodrigo a esta cidade.

Ora em verdade esta exigencia é de mais; porque pretender que o snr. D. Rodrigo combinasse aqui com certas influencias locais a candidatura d'algum, e que por isso a tornasse certa e infalivel, sem que primeiro se tivesse elle entendido a tal respeito com o governo, de quem era um empregado de confiança, seria querer que o snr. D. Rodrigo representasse um papel bem pouco digno do seu nobre e honrado caracter; era pertender que o carro andasse (como se costuma dizer) adiante dos bois.

Um tal procedimento seria muito grato ao desejo de preponderancia desta ou d'aquella pessoa, mas muito desleal para com o governo,

porque importava impor-lhe o snr. D. Rodrigo esta ou aquella candidatura — Queixam-se de que o snr. D. Rodrigo quizerá impor a este circulo uma candidatura, e queriam então que elle a impossesse ao governo!!!

Do que deixamos dito vê-se primeiro, que o snr. D. Rodrigo não podia nem devia antes da sua ida a Lisboa tratar desta ou d'aquella candidatura, e nem tão pouco o seu estado de saude lhe permittia tratar então de semelhantes negocios; e em segundo lugar que se não esperou pelo seu regresso a esta cidade, porque já antes d'elle se verificar, haviam levantado o grito de guerra: e tanto isto é verdade que o snr. D. Rodrigo, poucos dias depois da sua chegada — talvez tres ou quatro dias — apesar de já estar informado dessa immensa poeira que se tinha levantado, ainda assim esteve com o snr. Alves Vicente fallando sobre a eleição, e lhe disse que se não gostavam do candidato, escolhessem outro que reunisse o partido liberal, e até se fallou no nome muito digno do sr. dr. Custodio de Faria Pereira da Cruz, salvando-se em todo o caso a dignidade da auctoridade. Porem o snr. Alves Vicente já então se apresentou como neutral na questão eleitoral, dizendo que as cousas tinham chegado a um tal ponto que lhe não era possivel fazer outro papel — que era tarde, e s. ex.^a respondeu-lhe que até á vespóra não era tarde.

O snr. D. Rodrigo vendo que o snr. Alves Vicente estava neste estado, calculou e muito bem o estado em que estariam muitos outros, e por isso não fallou a mais pessoa alguma sobre a eleição. Como é pois que se diz que o snr. D. Rodrigo não encontrou em nenhuma das fracções liberaes de Braga um só homem a quem consultasse, ou convidasse para ajudal-o com o seu voto ou influencia?!

Pretende-se inculcar que do facto de ver empenhados na candidatura de meu irmão alguns amigos pertencentes ao partido legitimista é que nasceu a chamada união do partido liberal.

Sobre isto diremos — como é que todos tem feito obra nas campanhas eleitoraes? Seria crime em meu irmão o acceitar o favor e apoio d'alguns homens do partido realista (tendo, como já bem demonstramos, procurado o concurso dos amigos de todos os partidos liberaes) e não o tem tem sido nos outros. Foi por ventura crime em meu irmão o que em outros fôra virtude?

Será maior crime acceitar o concurso de alguns realistas, do que tractar com o proprio partido, como se fez ha poucos mezes, obrigando-se a votar pela abolição do juramento, isto é, desligar os miguelistas dos vinculos de fidelidade ao rei e á carta constitucional?

Era por ventura mais de receiar esta crise do que a da eleição passada, em que aquelle partido pela vez primeiro se apresentava como tal e com candidatos seus, para que agora o partido liberal se reunisse como um só homem, e o não fizesse então, porque todos viram que o chamado partido cartista em algumas partes se colligou com os miguelistas, e n'outras trabalhou por sua conta e risco, sem que para debellar o inimigo commum viessem reunir-se á fracção liberal que mais probabilidades tinha de vencer na lucta, que era a do partido do governo?! Confessemos que estas historias só pôdem embair algum menos presumido, porque de resto nós bem sabemos como as coisas se passaram, a origem e causa dos estranhos e nunca esperados phenomenos da passada eleição, em cujas considerações não queremos entrar, porque nos levaria a um campo, aonde não estamos á nossa vontade, limitando-nos a dizer que favoreceram agora a candidatura do snr. barão da Torre (de quem aliás somos amigos d'infancia) muitos individuos que poucos

mezes antes lhe tinham feito a mais cruenta guerra, e mesmo contra quem elle ainda ha pouco havia querellado; de sorte que agora fôra bemquista e teve muita popularidade aquella mesma candidatura, que poucos mezes antes havia sido muito e muito guerreada pelos mesmos individuos. Oh! o que ali vão de contradições, e de mais alguma coisa!!... E' o que acontece a quem se colloca em falsas posições.

Terminarei fazendo algumas reflexões sobre a ultima parte do artigo do *Bracarense*. O seu auctor mostra-se muito indignado contra o artigo de fundo do *Nacional* n.º 223 por ter encarnado esta questão eleitoral na da moeda falsa, e censura acremente o snr. D. Rodrigo por se não ter apressado a dar um solemne desmentido a semelhantes asserções.

Ora na verdade fazem rir estas pertençações do auctor do artigo.

O *Nacional* no alludido artigo referindo-se a outro que apparecera sobre este assumpto na *Revolução de Setembro*, e esta escreveu rebatendo uma correspondencia, datada desta cidade, inserida no *Porto e Carta*. Nessa correspondencia, saída, já se vê, do gremio dos que se haviam declarado em hostilidade ao sr. D. Rodrigo, depois das invectivas e doestos, dirigidos a meu irmão, cuja honra não invejo ao auctor da correspondencia, lança a perfida insinuação de traição e de deslealdade no snr. D. Rodrigo para com o governo, que servia, unindo-se aos homens dos cacetes e que suspiram pelas forcas etc. etc.

Por ventura appareceu alguém a contestar tanta malvadez? Houve acaso d'entre esse grupo diversicólor uma unica voz que se levantasse em favor da razão, da justiça, da verdade e da honra tão injusta e atrozmente offendida? Não houve; e todavia esses mesmos são os que agora se irritam porque o snr. D. Rodrigo de prompto os não desforçou?!

Desde hontem que me acho de cama por causa d'uma constipação na cara, e o que soffro não me deixa entrar em mais largas e amplas considerações; porém julgo ter dicto quanto basta para pôr na sua verdadeira luz os acontecimentos da ultima eleição, e habilitar a todos a formarem deste negocio um juizo seguro, conhecendo que despeitos e razões bem mesquinhas dirigiram muitos passos e determinaram muita vontade a proceder assim na referida questão eleitoral.

Braga 10 de Outubro de 1857.

Jacome Borges Pacheco Pereira.

A reforma do ensino publico em Portugal.

I.

De todos os assumptos de administração interna, o que hoje preoccupa mais, e com maior razão, o animo de quantos se interessam pelo nosso progresso moral e intellectual, é a reforma do ensino e da educação nacional.

Ninguem felizmente hoje desconhece a sua necessidade e importancia; mas nem por isso a questão se acha melhor estudada debaixo do ponto de vista practico. E não admira, que assim aconteça. Paizes mais adiantados que o nosso, laboram ainda em grandes difficuldades para chegar á definitiva resolução d'este grave problema. Ainda ha pouco mais de dois mezes, um congresso, presidido pelo principe Alberto, se reunia em Londres para acordar nos meios de prover ao melhoramento da instrucção primaria; e a Hespanha discute neste momento a lei geral da reforma da instrucção

pública, cujas bases as côrtes acabam de votar.

E por isso muito de louvar, que a academia real das sciencias de Lisboa incumbisse a uma commissão de seus membros a redacção das bases, que deviam servir de thema á discussão pública sobre a reforma e melhoramento da instrucção nacional, de que aquella illustrada corporação pretendia occupar-se

A commissão desempenhou-se d'aquelle honroso encargo, apresentando o projecto, que a academia adoptou para base de discussão em sessão geral de 18 de Junho ultimo.

Comprehende este projecto o quadro das disciplinas e conhecimentos, que constituem a instrucção geral, em todos os seus ramos, desde a eschola popular até aos collegios e gymnasios; e das profissões especiaes, e suas respectivas escholas e faculdades.

A commissão traçou desassombadamente um vasto plano de estudos segundo os modelos, que a organização litteraria de outros paizes lhe offerencia, e cujos programmas adoptou, sem todavia curar dos meios practicos de levar á execucao esta sua reforma; nem do destino, e futura organização dos nossos estabelecimentos scientificos, que tanto avultam na instrucção especial. O que, porém, nos parece, que se deprehende das disposições d'este projecto, é o intuito reservado de engrandecer uma eschola com prejuizo das outras; e desmembrar as faculdades da universidade, para mais tarde reunir esses elementos dispersos, e constituir com elles a «universidade central» em Lisboa.

Com esta supposição não entendemos fazer injuria ao caracter e illustração dos dignos membros da commissão. Essa sua opinião, respeitamos-a, como filha da mais sincera convicção; mas nem por isso podemos deixar de combater-a com igual lealdade, com não menos profunda convicção.

N'outros paizes a reforma da instrucção geral, suscita graves difficuldades, e arrasta ao campo da discussão as mais avessas opiniões, os prejuizos d'uns, os receios de outros; as exigências e contrariedades do espirito de partido, ou do mesquinho interesse pessoal. Entre nós esta questão não encontra nenhuma d'essas graves contestações, que tão calorosamente se tem agitado no seio das academias, e dos congressos litterarios, na tribuna, e na imprensa. Não acontece o mesmo na instrucção especial. As diversas reformas desde 1836, creando successivamente novos estabelecimentos de instrucção superior com demasiada largueza, e pouca discricao, deram logar a deploraveis rivalidades d'algumas escholas, que disputavam primazia ás mais antigas, e que buscaram por isso desde logo equiparar-se em tudo a ellas, afastando-se assim, com grave quebra do ensino, do fim primitivo de suas instituições, e esquecendo um pouco a sua elevada e importantissima missão no estado das sciencias!

A eschola quiz converter-se em faculdade. A pretensão dos graos academicos tornou-se uma questão de «palpitante interesse» para os que miravam só em supplantar as antigas instituições. A practica foi sacrificada em grande parte ás elevadas theorias da sciencia; e a universidade, que pelo prestigio da sua existencia secular; pelas gloriosas tradições do seu passado; pelos homens eminentes, que nas diversas sciencias tinham saído do seu seio, e pelo lustre com que sustentava a sua elevada posição na hierarchia litteraria, occupava o primeiro lugar, e attrahia quasi sem excepção a flôr da mocidade estudiosa, tornou-se por isso mesmo o alvo, a que mais certeiros se dirigiam os tiros dos seus adversarios, que se não lograram derribar esse vulto gigante, que lhes parecia amesquinhal-os com a sua pre-

sença, não se descuidaram de minar-lhe a existencia.

Foi com este intuito, que em vez de reformarem as escolas medico-cirurgicas, tornando-as verdadeiras escolas practicas de cirurgia, se lhes augmentaram as cadeiras de medicina, para equiparar aquellas escolas á faculdade de medicina da universidade, deixando em completo abandono a cirurgia e a medicina ministrante.

Foi com esse fim, que se crearam na escola polytechnica quasi as mesmas cadeiras que nas faculdades de mathematica e philosophia, e que por uma singular contradicção se concedeu á escola polytechnica o exclusivo da habilitação dos alumnos, que se destinavam ás armas scientificas, com offensa dos direitos e habilitações dos filhos d'aquellas faculdades.

A universidade foi privada do seu riquissimo patrimonio em bens, que foram vendidos por conta do Thesouro, em quanto á escola polytechnica se conservaram os bens patrimonios do extincto collegio dos Nobres, para sobre elles levantar um emprestimo de 100 contos de réis para as suas obras.

Em fim a todas as escolas superiores se tem permittido, que alguns de seus membros vão estudar fóra do paiz os diversos ramos das sciencias, que professam. A universidade foi a unica a quem até hoje esse beneficio se não concedeu, como se estivera já riscada do quadro da nossa instrucção publica!

A dotação dos seus estabelecimentos de sciencias naturaes, foi reduzida a ponto, que muitas vezes nem chegava para o expediente das demonstrações, quanto mais para aquisição de novos productos, compra de machinas e instrumentos; e foram necessarias instantes reclamações de membros seus, que tinham assento em côrtes, para nestes ultimos dous annos se augmentar um pouco essa mesquinha dotação.

Ao mesmo passo uma legislação obnoxia, e exceptional, reduzira o magisterio da universidade a uma deploravel condição, e afastára do seu gremio muitos jovens talentosos, a quem uma expectativa pouco lisongeira descorçoava de encetarem a laboriosa carreira desse magisterio ao cabo de largos annos de « longa opposição. »

Um tal systema, um conjuncto de tão adversas circumstancias, n'outro instituto, que não tivera tão solida base, fóra sobejo, para derribal-o pelos fundamentos. E todavia a universidade, desajudada de todos os meios, com que se engrandeciam as outras escolas; esquecida e como que abandonada por aquelles mesmos, a quem mais cumpria por ao seu adiantamento, soube resistir ao embate da onda, que tão alterosa viera commettel-a.

As reformas e melhoramentos na organização dos seus estudos, não só não encontraram na universidade a menor reluctancia, mas até foi ella a primeira, que tomou a iniciativa nessas mesmas reformas, de que dependia o progresso das sciencias e o adiantamento das letras patrias.

E, quando os factos fallam tão eloquentemente em abono d'uma instituição, debalde o espirito de rivalidade, a ambição, ou o despeito trabalhará por obscurecer a verdade, illudir os incautos, ou estabelecer uma falsa opinião contra esse estabelecimento, que pôde ter defeitos, que de facto os tem na sua organização, como todas as instituições analogas; que nenhuma conhecemos perfeita; mas que, comparado ás outras escolas nacionaes, e até a muitas das estranhas, lhes leva incontestavel vantagem.

Destruir não é reformar. E a questão do melhoramento da nossa instrucção publica não se resolve pela questão d'um pomposo pro-

gramma, nem pela adopção d'um vasto systema, que em abstracto pôde ser excellente, mas que practicamente pôde encontrar grandes difficuldades, e tornar-se mais defeituoso, que o proprio systema, que se pretende substituir.

O que, primeiro que tudo, necessitavamos, era de examinar detidamente a organização dos nossos diversos estabelecimentos scientificos, vêr quaes os seus differentes fins, e propor os meios de cada um corresponder precisamente ao seu destino, supprindo e ampliando o que fosse deficiente, e cortando por todas as demasias com mão vigorosa, para acabar por uma vez com essa anarchia, que se introduziu nos dominios do ensino, e que vai cada vez lavrando mais profundamente.

Mas tão grave e ponderoso assumpto não pôde devidamente avaliar-se em todas as suas relações, e muito menos decidir-se só pelo voto, embora muito auctorizado, de membros d'uma dessas corporações, que a reforma tem de comprehender no seu quadro, com exclusão dos de quasi todas as outras, igualmente interessadas na mesma obra, e que tem igual direito a serem consultadas sobre objecto tão seu.

O projecto a que alludimos foi elaborado unicamente por dous distinctos professores da escola polytechnica, e a academia, perante quem vai discutir-se, não conta entre os seus membros nenhum socio effectivo da universidade nem das escolas do Porto, que ao menos possa dar alguma informação sobre o estado desses estabelecimentos.

E, o que mais singular é, parece haver particular empenho nessa exclusão, porque até se ineulca, que a lei creadora da instrucção publica ha-de ser levada de « Jesus (1) a S. Bento » não para aquise discutir « porque os corpos parlamentares são pouco proprios para laborarem elles mesmos obras como esta; mas sómente para ter a gloria de *chancellar* a proposta da academia [2] (!!!) »

Isto bastaria para provar qual é o principal fim a que tende o projecto da academia, se o seu proprio contexto o não revelasse mui claramente, como teremos occasião de vêr.

J. M. DE ABREU.

(O Instituto).

VARIÉDADES.

Feliz terra. — Lê-se na *Ordem Publica.* — « Com esta epigraphe o *Commercio do Porto* transcreve da *Union bretonne* o seguinte artigo de mr. A. Auge, a respeito dos logares preferidos pelos banhistas; fazendo especial menção de Belle-Isle-en-Mer, deste modo:

« Os habitantes d'este paiz são d'uma probidade proverbial, de que elles com justiça se ufanam. A primeira cousa que dizem a quem lhes pede hospitalidade, é:

— Podeis deixar as vossas joias e o vosso dinheiro sobre a meza, com a porta aberta: não ha ladrões na ilha.

E isto é verdade. A policia é luxo em Belle-Isle, e os que a exercem nada teriam que fazer se só cuidassem de procurar signaes de delictos ou crimes. E além disso, que as portas estejam abertas ou fechadas, é indifferente em si, porque não tem fechaduras.

Na ultima semana, um dos meus amigos, que teve a fortuna de ir passar as ferias em Belle-Isle, perdeu um objecto de pouco valor, mas que elle muito estimava. Deu-lhe pouco cuida-

do a perda, pela certeza de que breve lhe seria restituído. Effectivamente passados oito dias foi-lhe entregue.

O objecto foi levado, pela pessoa que o achou, a casa do commissario de policia, que, para descobrir a quem pertencia, indagou o dia mais ou menos proximo, que cada banhista tinha fixado para a sua partida, dirigindo-se a cada um d'elles na vespera em que deviam deixar a ilha, chegou no fim dos oito dias a vez do meu amigo, que nem sequer pôde conhecer a pessoa a quem devia dar as alviças, ou uma visita de agradecimento e delicadeza.

Noutra occasião um banhista deixou cair a sua bolsa no porto. Começou logo em busca d'um mergulhado, que lhe procurasse a bolsa numa profundidade de 3 metros.

É desnecessario, lhe disse um pescador de sardinhas, que tristemente se regalava com uma magra refeição.

— E porque?

— Porque a maré baixa.

— E depois?

— Depois? é que depois do meio dia o porto está em secco, e facilmente vos acharão a vossa bolsa.

— Mas quem a achará?

— Não importa quem; na ilha não ha ladrões.

Effectivamente, de tarde, na vasante da maré uma mão desconhecida, foi religiosamente depositar a bolsa no alojamento do dono d'ella.

Feliz paiz aquelle, que tão proximo do que se chama a civilização e o poggio, só lhes aprende as virtudes, sem lhes conhecer os vicios. »

Que differença entre Belle-Isle e algumas das povoações maritimas de Portugal! Quando terá a civilização, pela sua benigna influencia, destruido em taes povoações a indole feroz de seus habitantes, que ás vezes excedem em crueldade os proprios selvagens? E' necessario quasi uma conquista, que só poderá realizar-se pela instrucção, e pela corporação dos parochos, que, sem cessar, devem empregar todos os seus esforços em moralisar taes povos; para o segundo meio nada ha a despende — só é precisa a caridade evangelica; para o primeiro continue o governo a prover a esta necessidade; porque, como mui bem disse o sr. A. F. de Castilho na sua carta — *A Instrucção e os camponeses* — publicada no *Almanach do Cultivador* para 1857, em quanto houver um palmo de solo sem produção, em quanto houver um espirito sem cultura, não descancemos.

« *Commercio de beijos.* — O *Nacional*, referindo-se a um jornal dos Estados-Unidos, dá a apetitosa noticia de que nas feiras d'aquelle paiz, se introduzira um novo genero de especulação, que encontra consumidores.

« As donzellas mais seductoras d'aquella cidade apresentam-se nas feiras com escriptos, em que se lê: — Beijos a 1 shelling cada um.

Quando esta offerta dimana d'uma belleza notavel, o preço eleva-se a 25 cents.

Uma donzella de lindos olhos e beijos rosados recolheu em uma só tarde 62 dollars (61\$320 réis).

Só um individuo fez um consumo, diz o jornal americano, deste novo artigo, na importancia de 11 dollars (10\$560 réis).

E' de crêr que a receita seja destinada a alguma obra de beneficencia. »

Se nos Estados-Unidos deu bom resultado a especulação, quanto não seria lucrativa em Coimbra, onde, pelas peculiares circumstancias de seus habitantes, principalmente durante o tempo lectivo, a offerta seria sempre muito inferior ao pedido! »

NOTÍCIAS DIVERSAS.

Festividade. — Festejou-se hontem, na igreja do convento das Therezinhas, com exposição, missa cantada, e sermão, a imagem de Sancta Thereza.

(1) O extincto convento de Jesus, cujo edificio occupa a Academia R. das Sciencias.

(2) Revista da Instr. Publ. para Portugal e Brazil n.º 1.º

Fallecimento. — Falleceu na terça feira, victima d'um cancro a snr.^a D. Thereza do Carmo Peixoto, esposa do snr. José Joaquim d'Araujo Peixoto.

Os officios funebres por alma da finada fizeram-se ante-hontem na igreja do Carmo, onde foi sepultada.

Outro. — Falleceu hontem, no Porto, o snr. conselheiro Antonio Roberto da Cunha, juiz de direito da 1.^a vara d'aquella cidade.

A Fama Theatral. — Com este titulo se vai publicar em Lisboa um novo jornal de theatros.

Melhoras. — O snr. Gaspar Cruz, administrador do concelho de Guimarães, acha-se quasi livre de perigo.

Desejamos do coração o seu prompto restabelecimento.

O Instituto, de Coimbra. — Publicou-se o n.º 13, vol. 6.º, deste jornal scientifico e litterario.

Traz a continuação do — Relatorio do commissario dos estudos do districto administrativo de Lisboa, em 31 de Dezembro do anno passado; — Um artigo sobre a reforma do ensino publico em Portugal, que se publica em outro logar desta folha; — o elogio historico do desembargador Agostinho de Mendonça Falcão; — um artigo sobre o *Emporio Italiano*, jornal que se publica em Londres; — Biographias; — Noticiarios; — e uma relação das pessoas nomeadas no mez de Junho para diversos logares d'instrução publica.

Movimento dos expostos da roda desta cidade, no mez de Setembro de 1857.

Existentes em 31 d'Agosto passado	1,039
Entraram durante o mez de Setembro	32
	1,071
Dos existentes fizeram 7 annos	6
Falleceram	43
Reclamados	2
Dos entrados falleceram	11
Entregues	1
	63
Ficam existindo em 30 a cargo da camara	1,008

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

Atalaia Catholica.

PUBLICOU-SE nesta cidade o n.º 132 deste interessante jornal religioso.

Assigna-se em Braga em casa de José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3. — Lisboa na administração da Nação, Travessa Nova de S. Domingos n.º 47. — no Porto na do Direito rua das Hortas n.º 83.

Preço por 36 numeros 1\$200 rs. — 18 ditos 660 rs. (francos de porte).

AGRADECIMENTOS.

689 **José Telles da Silva e Menezes, e Domingos Telles da Silva e Menezes,** muito penhorados pelos obsequios que receberam de muitas pessoas por occasião da morte e enterro de seu presado neto e filho, e não lhes sendo possivel agradecerem pessoalmente a todas, o fazem por este meio, votando-lhes o seu eterno reconhecimento.

692 **NARCIZO Xavier da Costa Rodrigues,** manifesta por este modo, pois que lhe não é possivel por outro, o seu agradecimento a todas as pessoas que tiveram a bondade de acompanhar, e assistir ao funeral de sua presada irmã Anna Jaquina da Costa Rodrigues.

ANNUNCIOS.

696 **PELO** juizo de direito desta comarca de Braga, e cartorio do escrivão Fortuna, á porta do tribunal onde se costumam fazer as arrematações, se tem de proceder, no dia 18 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, á arrematação d'uma morada de casas com os n.ºs 5, 5 A, e 5 B, sitas na bocca da rua das Aguas, que se acham avaliadas, com o abatimento da quinta parte, livres de todos os encargos, na quantia de 495\$600 réis, penhoradas a Manoel José Vieira da Cruz e mulher desta mesma cidade, na execução que lhes move Mathias Firme e sua irmã, representados por seu tutor Joaquim da Rocha Couto desta mesma cidade.

697 **PELO** juizo de direito desta comarca de Braga, e cartorio do escrivão Monteiro, correm editos pelo prazo de 10 dias, a contar do dia 14 do corrente mez, a chamar todos os credores incertos que tenham direito, jus, e ação á quantia de 317\$815 réis metal, que se acham depositados no deposito publico desta mesma cidade, procedidos de fazendas arrematadas ao executado José da Silva Pereira Rocha, negociante desta cidade, na execução que lhe move Manoel Francisco Duarte Cidade, negociante da cidade do Porto, e outros da cidade de Guimarães, o venham deduzir dentro do dicto prazo, com a pena de revelia e lançamento.

694 **PELO** juizo de direito desta comarca, e cartorio do escrivão Joaquim Teixeira Pinto Duarte, no domingo 18 do corrente, á porta do tribunal de primeira instancia, no Paço Archiepiscopal, se tem de arrematar o campo chamado do Samarão, o campo das Nogueiras de Cima, tres moradas de casas sobradadas, com quintal e poço, o campo chamado das Nogueiras de Baixo, uma morada de casas sobradadas, com quinteiro, eira, e coberto, tudo sito na rua dos Pellames desta cidade, juncto e unido; uma bouça lavradia, e outra de matto, unidas, e sitas no monte da Forca, junctas á estrada que vai desta cidade para a Veiga de Penso, tudo pertencente aos fallecidos inventariados José Antonio Marques e seu filho José Antonio Marques d'Araujo, avaliado, livre d'encargos e reservas, na quantia de 5,503\$057 réis.

695 **PELO** cartorio do escrivão Fortuna, se tem de arrematar, no dia 18 do corrente, um laranjal, na freguezia de Barbude, já com o abatimento da quinta parte, no valor de 205\$440 réis; e mais um campo chamado da Matta, em Soutello, julgado de Villa Verde, tambem no valor de 220\$8000 réis, na execução de Antonio José Leite Braga e outros desta cidade, contra Pedro José da Silva Maia, de Soutello.

700 **PERANTE** o juizo de direito desta comarca de Braga, e cartorio do escrivão José de Faria Machado, a requerimento

do Ministerio Publico, correm editos de dous dias a chamar o réo Dionizio Netto da Silva, casado, lavrador, caseiro, da freguezia da Arreigada, comarca de Sancto Thyrso, ora ausente em parte incerta, para que dentro do referido praso se apresente no mesmo juizo, a fim de responder ao processo crime nelle pendente, sob pena de se proceder á sua revellia, e mais consignadas no decreto de 18 de Fevereiro de 1847.

701 **PERANTE** o juizo de direito desta comarca de Braga, e cartorio do escrivão José de Faria Machado, a requerimento do Ministerio Publico, correm editos de dous mezes a chamar o réo padre Domingos José da Cunha Bacellar, por appellido o Estrada, do julgado de Coora, ora ausente em parte incerta, para que dentro do referido praso se apresente no mesmo juizo, a fim de responder ao processo crime neste pendente, sob pena de se proceder á sua revellia, e mais consignadas no decreto de 18 de Fevereiro de 1847.

MELHORAMENTOS AGRICOLAS.

693 **NO** escriptorio da Companhia Geral Bracarense d'illuminação a gaz, existem varios cathologs de sementes — plantas e arvores — que a direcção deixa patentes para quem quizer utilizar-se da sua leitura, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

698 **NA** rua do Souto n.º 15 ha para vender dous bilhetes para dous logares no coopé da diligencia, que deve partir de Braga para o Porto domingo 18 do corrente ás 6 horas da manhã.

699 **PAULINO** Ferreira Leal, negociante da cidade do Porto, recommenda a todas as pessoas que devem ao fallecido Antonio Joaquim Ferreira Coelho, negociante da mesma, que não paguem a pessoa alguma sem que se apresentem com documentos legaes, sob pena de que se o fizerem, tornam a pagar.

AOS POBRES.

O cirurgião ALVES PASSOS, tendo-se despedido do hospital, mas não querendo deixar de ser util aos pobres, offerece-se ouvil-os de consulta na sua morada, rua do Carvalho n.º 18, de manhan até ás nove horas, e de tarde desde o meio dia até ás 3.

Igualmente se promptifica a visitar de graça os doentes pobres desta cidade, ou praticar qualquer operação eirurgica, uma vez que o estado de pobreza seja garantido pelo parochio, ou regedor da freguezia.

ALUGAM-SE as lojas guarnecidas de Aestantes, com grandes armazens para um bom estabelecimento de mercaria, e drogaria, e parte das casas, na rua Nova n.º 3 a 3 E. Quem pretender dirija-se á mesma

RESPONSÁVEL.

O Bacharel F. J. da Silva Araujo e Mello.

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUZITANA, Rua Nova n.º 3 E.